



SUMÁRIO

Eu, Robô

Introdução

1 • Robbie

2 • Andando em círculos

3 • Razão

4 • É preciso pegar o coelho

5 • Mentiroso!

6 • Um robozinho sumido

7 • Evasão!

8 • Evidência

9 • O conflito evitável

Sobre o autor

Notas de rodapé

Créditos e copyright

EU,

RO,

BÖ

INTRODUÇÃO

OLHEI PARA AS MINHAS ANOTAÇÕES e não gostei delas. Eu tinha passado três dias na U.S. Robots e poderia muito bem tê-los passado em casa, com a Enciclopédia Telúrica.

Susan Calvin havia nascido no ano de 1982, disseram-me, o que queria dizer que ela tinha 75 anos agora. Todos sabiam disso. De forma mais do que apropriada, a U.S. Robots and Mechanical Men, Inc. também tinha 75 anos, uma vez que fora no ano do nascimento da dra. Calvin que Lawrence Robertson conseguira os documentos de constituição do que viria a ser o mais estranho gigante industrial da história da humanidade. Bom, todos sabiam disso também.

Aos 20 anos de idade, Susan Calvin participara de um seminário específico sobre Psico-matemática, no qual o dr. Alfred Lanning, da U.S. Robots, apresentara o primeiro robô móvel a ser equipado com voz. Era um robô grande, desajeitado e feio, cheirava a óleo de máquina e fora destinado a trabalhar nas minas projetadas em Mercúrio. Mas podia falar e se fazer entender.

Susan não disse nada naquele seminário; não participou do agitado ciclo de discussão que se seguiu. Ela era uma garota indiferente, simples e sem graça, que se protegia de um mundo do qual não gostava com uma aparência inexpressiva e uma hipertrofia do intelecto. Mas, conforme ela observava e ouvia, sentiu a agitação de um entusiasmo frio.

Ela se formou em Columbia, em 2003, e começou a pós-graduação em cibernética.

Tudo o que havia sido feito em meados do século 20 em relação a “máquinas de calcular” fora revirado por Robertson e por suas vias de cérebro positrônico. Os quilômetros de retransmissões e fotocélulas tinham dado lugar ao esponjoso globo de platina-irídio mais ou menos do tamanho de um cérebro humano.

Ela aprendeu a calcular os parâmetros necessários para corrigir possíveis variáveis no “cérebro positrônico”, a construir “cérebros” na teoria, de tal forma que as respostas dadas aos estímulos podiam ser previstas com exatidão.

Em 2008, ela terminou o doutorado e começou a trabalhar na United States Robots como “psicóloga roboticista”, tornando-se a primeira grande profissional de uma nova ciência. Lawrence Robertson ainda era presidente da companhia; Alfred Lanning tinha se tornado diretor de pesquisa.

Durante cinquenta anos, ela observou o progresso humano mudar de direção - e dar um salto adiante.

Agora ela estava se aposentando - na medida em que lhe era possível. Pelo menos, estava permitindo que colocassem o nome de outra pessoa na porta de sua sala.

Essencialmente, era isto o que eu tinha: uma longa lista de suas publicações e das patentes em seu nome, os detalhes cronológicos de suas promoções. Em resumo, tinha informações sobre seu “currículo” profissional nos mínimos detalhes.

Mas não era isso o que eu queria.

Eu precisava de mais para os meus artigos especiais para a Imprensa Interplanetária. Muito mais.

Disse isso a ela.

- Dra. Calvin - disse eu, de forma tão sedutora quanto possível -, aos olhos do público a senhora e a U.S. Robots são idênticos. Sua aposentadoria vai encerrar uma era e...

- Você quer abordar o tema pelo ângulo do interesse humano? - Ela não sorriu para mim. Acho que ela não sorria nunca. Mas seu olhar era penetrante, embora não mostrasse raiva. Senti-o passando por mim e atravessando meu occipício, e soube que eu era estranhamente transparente para ela; que todos eram.

Mas eu respondi:

- Isso mesmo.

- Interesse humano pelos robôs? Isso é uma contradição.

- Não, doutora. Interesse pela senhora.

- Bem, eu mesma já fui chamada de robô. Com certeza já lhe disseram que não sou humana.

Disseram, mas não havia razão para mencioná-lo.

Ela se levantou da cadeira. Não era alta e parecia frágil. Eu a acompanhei até a janela e olhamos para fora.

Os escritórios e as fábricas da U.S. Robots formavam uma pequena cidade esparramada e planejada. Era plana como uma fotografia aérea.

- Quando cheguei aqui - disse ela -, eu tinha uma salinha em um edifício bem ali onde fica o corpo de bombeiros agora - apontou. - Eu dividia a sala com outras três pessoas. Eu tinha meia mesa. Construíamos nossos robôs todos em um único edifício. Resultado: três robôs por semana. Agora olhe para nós.

- Cinquenta anos - disse eu, repetindo um clichê - é muito tempo.

- Não quando lembrados - comentou ela. - Você se pergunta como eles passaram tão rápido.

Ela voltou para a mesa e se sentou. De certo modo, ela não precisava de uma expressão no rosto para parecer triste.

- Quantos anos você tem? - ela quis saber.

- Trinta e dois - respondi.

- Então não se lembra de um mundo sem robôs. Houve um tempo em que o homem enfrentou o universo sozinho e sem amigos. Agora ele tem criaturas para ajudá-lo; criaturas mais fortes que ele próprio, mais fiéis, mais úteis e totalmente devotadas a ele. A humanidade não está mais sozinha. Já pensou sobre essa questão desse modo?

- Infelizmente não. Posso citá-la?

- Pode. Para você, um robô é um robô. Engrenagens e metal, eletricidade e pósitrons. Mente e ferro! Fabricado por humanos! Se necessário, destruído por humanos! Mas você não trabalhou com eles, então não os conhece. Eles são uma espécie melhor e mais perfeita que a nossa.

Tentei incentivá-la um pouco com palavras:

- Gostaríamos de ouvir algumas das coisas que a senhora teria para nos contar; seu ponto de vista sobre os robôs. A Imprensa Interplanetária chega a todos os cantos do Sistema Solar. O público potencial é de 3 bilhões, dra. Calvin. Eles deveriam saber o que a senhora teria a lhes dizer sobre os robôs.

Não era necessário incentivar. Ela não me ouviu, mas estava indo na direção certa.

- Eles deveriam ter ouvido isso desde o início. Nós vendíamos robôs para uso na Terra, naquela ocasião... antes mesmo da minha época. É claro que isso ocorreu quando os robôs não podiam falar. Depois eles se tornaram mais humanos, e começou a objeção. Naturalmente, os sindicatos se opuseram à competição dos robôs por empregos humanos, e vários segmentos de viés religioso tinham suas objeções supersticiosas. Tudo isso era bastante ridículo e inútil. E, no entanto, aconteceu.

Eu estava registrando tudo no meu gravador portátil, palavra por palavra, tentando não mostrar os movimentos da minha mão. Se praticar um pouco, você consegue chegar ao ponto de gravar com precisão sem tirar a pequena enghoca do bolso.

- Veja o caso de Robbie – continuou ela. – Eu não o conheci. Ele foi desmontado um ano antes de eu entrar para a companhia. Estava irremediavelmente obsoleto. Mas eu vi a garotinha no museu...

Ela parou, mas eu não disse nada. Deixei seus olhos se encherem d'água e sua mente viajar no tempo. Ela tinha um longo período de tempo a percorrer.

- Eu ouvi falar sobre ele depois, e, quando nos chamavam de blasfemos e criadores de demônios, eu sempre pensava nele. Robbie era um robô sem voz. Ele não podia falar. Foi fabricado e vendido em 1996. Aquela foi a época que antecedeu a especialização extrema, então ele foi vendido como babá.

- Como o quê?

- Como babá.

1

ROBBIE

- NOVENTA E OITO, NOVENTA e nove, cem. - Gloria tirou o bracinho rechonchudo da frente dos olhos e ficou de pé por um instante, franzindo o nariz e piscando sob a luz do sol. Então, tentando observar todas as direções ao mesmo tempo, ela se afastou com alguns passos cautelosos da árvore na qual estava encostada.

Ela levantou a cabeça para investigar as possibilidades de um amontoado de arbustos à direita, depois se afastou para obter um ângulo melhor a fim de ver seus vãos escuros. O silêncio era profundo, exceto pelo incessante zumbido de insetos e o ocasional gorjeio de um pássaro robusto, desafiando o sol do meio-dia.

- Aposto que ele foi pra dentro de casa - disse Gloria, fazendo beicinho -, e eu disse a ele um milhão de vezes que isso não é justo.

Apertando os pequeninos lábios e fazendo uma carranca que lhe franzia a testa, ela seguiu de maneira resoluta para a construção de dois andares que ficava logo após a entrada da garagem para os carros.

Ela ouviu, tarde demais, o farfalhar atrás de si, seguido pelo ploc-ploc característico e ritmado dos pés metálicos de Robbie. Ela se virou para ver seu companheiro triunfante sair do esconderijo e correr para a árvore a toda velocidade.

Gloria gritou, aflita:

- Espere, Robbie! Isso não foi justo, Robbie! Prometeu que não iria correr até eu encontrar você. - Seus pezinhos não conseguiriam fazer grandes progressos contra as passadas gigantescas de Robbie. Então, a pouco mais de três metros do alvo, as passadas de Robbie diminuíram de repente a um mero passo de tartaruga; com uma última arrancada em velocidade, ela passou correndo por ele, ofegante, para tocar no tronco da árvore primeiro.

Com alegria, ela se virou para o fiel Robbie e, com a mais vil ingratidão, recompensou-o por seu sacrifício zombando dele de forma cruel por sua falta de habilidade ao correr.

- Robbie não consegue correr – gritou ela o mais alto que pôde com sua voz de menina de 8 anos. – Posso vencê-lo a qualquer momento. Posso vencê-lo a qualquer momento. – Ela cantava as palavras em um tom estridente.

Robbie não respondia, é claro; não com palavras. Em vez disso, ele imitava uma corrida, distanciando-se até que Gloria estivesse correndo atrás dele, esquivando-se dela por pouco, forçando-a a girar inevitavelmente em círculos, chacoalhando os bracinhos estendidos.

- Robbie – gritou ela –, fique parado! – E ela soltou uma risada por entre espasmos ofegantes.

Até que ele se virou de repente e a levantou, rodopiando-a, de forma que, para ela, o mundo sumia por um instante deixando um vazio azul embaixo, e árvores verdejantes se estendiam com avidez em direção ao vácuo. Então ela voltou à grama uma vez mais, encostada na perna de Robbie e ainda segurando um dedo rígido e metálico.

Depois de algum tempo, Gloria recobrou o fôlego. Ajeitou inutilmente o cabelo desgrenhado em uma vaga imitação de um dos gestos da mãe e se virou para ver se o vestido estava rasgado.

Ela deu um tapa no torso de Robbie:

- Menino mau! Vou bater em você!

E Robbie se encolheu, colocando as mãos sobre o rosto, de modo que ela teve de acrescentar:

- Não vou não, Robbie. Não vou bater em você. Mas, de qualquer forma, é minha vez de me esconder agora, porque você tem pernas mais compridas e prometeu não correr até que eu o encontrasse.

Robbie concordou com a cabeça (um pequeno paralelepípedo com bordas arredondadas cujos cantos eram ligados por meio de um tubo pequeno e flexível a outro paralelepípedo semelhante, porém muito maior, que servia de torso) e virou-se para a árvore de maneira obediente. Uma película fina e metálica cobriu seus olhos brilhantes e de dentro do seu corpo surgiu um constante e sonoro tique-taque.

– Não espie, e não pule nenhum número – advertiu Gloria, e correu para se esconder.

Com uma regularidade invariável, os segundos se passaram e, no centésimo, subiram as pálpebras; com seu tom de vermelho brilhante, os olhos de Robbie analisaram as possibilidades. Eles pararam um instante sobre um pedaço de tecido xadrez colorido que assomava por detrás de uma rocha. O robô avançou alguns passos e se convenceu de que era Gloria que estava agachada ali atrás.

Devagar, permanecendo sempre entre Gloria e a árvore, ele avançou rumo ao esconderijo; quando Gloria estava inequivocamente à vista e não podia mais sequer dizer a si mesma que não tinha sido descoberta, ele estendeu um braço na direção dela, batendo o outro contra a própria perna, de modo que voltou a fazer barulho. Gloria saiu do esconderijo de mau humor.

– Você espiou! – exclamou ela injustamente. – Além disso, estou cansada de brincar de esconde-esconde. Quero um passeio.

Mas Robbie ficou magoado com a acusação injusta, então se sentou com cuidado e chacoalhou pesadamente a cabeça de um lado para o outro.

Gloria mudou de imediato para um tom de gentil persuasão:

– Vamos lá, Robbie. Eu não quis dizer que você espiou. Leve-me para um passeio.

No entanto, Robbie não iria se deixar persuadir com tanta facilidade. Ele olhou de forma obstinada para o céu e chacoalhou a

cabeça de forma ainda mais enfática.

– Por favor, Robbie, por favor, me leve para um passeio. – Ela envolveu o pescoço do robô com os braços rosados e deu-lhe um abraço apertado. Depois, mudando de humor por um instante, ela se afastou.

– Se não me levar, vou chorar – e contorceu terrivelmente o rosto, preparando-se para fazê-lo.

O insensível Robbie prestou pouca atenção a essa horrível possibilidade e chacoalhou a cabeça uma terceira vez. Gloria achou necessário usar seu trunfo.

– Se não me levar – exclamou ela de forma acalorada –, não vou mais contar histórias pra você, e pronto. Nem umazinha...

Robbie cedeu imediata e incondicionalmente diante desse ultimato, afirmando de modo enérgico com a cabeça até o metal do pescoço chiar. Com cuidado, ele levantou a garotinha e a colocou em seus largos e achatados ombros.

A ameaça de choro de Gloria se desvaneceu de imediato e ela gritou de felicidade. A pele metálica de Robbie, mantida a uma temperatura constante de mais ou menos 21 graus por bobinas de alta resistência, passava uma sensação agradável e confortável, assim como era encantador o barulho maravilhosamente alto que os saltos dos sapatos da menina faziam quando ela batia de forma ritmada contra o peito do robô.

– Você é uma aeronave costeira, Robbie, uma grande aeronave prateada. Estenda os seus braços para os lados. Você *tem* que fazer isso, Robbie, se quiser ser uma aeronave.

A lógica era irrefutável. Os braços de Robbie eram asas pegando as correntes de ar e ele era uma aeronave prateada.

Gloria virou a cabeça do robô e inclinou-se para a direita. Ele se curvou de maneira brusca. Gloria equipou a aeronave costeira com um motor que fazia “brrr” e depois com armas que faziam “pow” e

“ssssshhhhh”. Piratas estavam em perseguição e as armas da nave estavam entrando em ação. Os piratas chegavam aos montes.

– Peguei mais um. E outros dois – gritou ela.

E depois:

– Mais rápido, homens – disse Gloria de maneira imponente –, estamos ficando sem munição. – Ela fez pontaria por cima do ombro com uma coragem destemida e Robbie era uma nave espacial com dianteira achatada zumbindo pelo vácuo em aceleração máxima.

Ele acelerou por todo o campo até um trecho de grama alta do outro lado, onde parou tão de súbito que provocou um grito de sua ruborizada passageira, e então a fez rolar na relva macia e verde.

Gloria arquejou e resfolegou, soltando sussurradas exclamações intermitentes de “isso foi *legal!*”.

Robbie esperou até ela recuperar o fôlego e depois puxou delicadamente uma mecha de cabelo.

– Você quer alguma coisa? – disse Gloria, os olhos arregalados com um ar de aparente e despretensiosa complexidade que não enganou nem um pouco sua enorme “babá”. Ele puxou o cacho com mais força.

– Ah, eu sei. Você quer uma história.

Robbie aquiesceu sem demora.

– Qual?

Robbie fez um semicírculo no ar com o dedo.

– *De novo?* – protestou a garotinha. – Eu contei Cinderela pra você um milhão de vezes. Você não se cansa dela? É coisa de bebê.

Outro semicírculo.

– Ah, tudo bem.

Gloria se preparou, examinou os detalhes do conto em pensamento (bem como suas criações próprias, as quais ela tinha em grande quantidade) e começou:

– Está pronto? Bem... era uma vez, havia uma linda menininha chamada Ella, que tinha uma madrasta terrivelmente malvada e duas meias-irmãs muito feias e *muito* malvadas e...

Gloria estava se aproximando do clímax da história – era quase meia-noite e tudo estava voltando ao seu surrado formato original em um piscar de olhos; Robbie ouvia tudo sob grande tensão nervosa e com os olhos brilhando – quando houve uma interrupção.

– Gloria!

Era o som estridente de uma mulher que estivera chamando não uma, mas várias vezes; e tinha o tom nervoso de alguém cuja ansiedade estava começando a superar a impaciência.

– Mamãe está me chamando – disse Gloria, não muito feliz. – É melhor você me levar de volta pra casa, Robbie.

Robbie obedeceu de pronto, pois, de algum modo, havia uma coisa nele que achava melhor obedecer a sra. Weston sem a mínima hesitação. O pai de Gloria raramente estava em casa durante o dia, exceto no domingo – hoje, por exemplo –, e, quando estava, mostrava ser uma pessoa amigável e compreensiva. A mãe de Gloria, contudo, era uma fonte de inquietação para Robbie, e havia sempre o impulso de sair de fininho de perto dela.

A sra. Weston os avistou assim que se levantaram de trás das moitas de grama alta que os camuflava, e se recolheu para dentro de casa para esperar.

– Quase fiquei rouca de tanto gritar, Gloria – disse ela, brava. – Onde você estava?

– Eu estava com Robbie – disse Gloria com voz trêmula. – Eu estava contando Cinderela pra ele e esqueci que era hora do jantar.

– Bem, é uma pena que Robbie tenha esquecido também. – E então, como se isso a tivesse lembrado da presença do robô, ela se

virou para ele. – Pode ir, Robbie. Ela não precisa de você agora. – E em seguida, acrescentou com brutalidade: – E não volte até que eu o chame.

Robbie se virou para ir embora, mas hesitou quando Gloria gritou em sua defesa:

– Espere, mamãe, a senhora precisa deixar Robbie ficar. Eu não terminei de contar Cinderela pra ele. Eu disse que ia contar Cinderela e a história não acabou.

– Gloria!

– De verdade, de verdade mesmo, mamãe, ele vai ficar tão quieto que a senhora não vai nem perceber que ele está aqui. Ele pode se sentar na poltrona do canto, e não vai dizer uma palavra; quero dizer, ele não vai *fazer* nada. Não é, Robbie?

Robbie, quando chamado, meneou a cabeça maciça para cima e para baixo uma vez.

– Gloria, se você não parar com isso imediatamente, não vai ver Robbie durante uma semana.

A menina baixou os olhos.

– Tudo bem! Mas Cinderela é a história favorita dele e eu não terminei... e ele gosta tanto dessa história.

O robô saiu com um passo triste e Gloria conteve um soluço.

George Weston estava confortável. Era um hábito seu ficar confortável aos domingos. Um belo e farto almoço em um lugar reservado; um bom sofá macio e bem gasto em que se esparramar; um exemplar do *Times*; chinelos nos pés e sem camisa. Como seria possível não estar confortável?

Ele não ficou satisfeito, portanto, quando sua mulher entrou. Depois de dez anos de casados, ele ainda era indescritivelmente tolo a ponto de amá-la, e não havia dúvida de que ele ficava sempre feliz em vê-la. No entanto, as tardes de domingo logo após o jantar

eram sagradas para ele, e sua ideia de completo conforto era ser deixado em solidão absoluta por duas ou três horas. Por conseguinte, ele fixou o olhar nas últimas notícias sobre a expedição Lefebre-Yoshida a Marte (esta deveria decolar da Base Lunar e poderia realmente ser bem-sucedida) e fingiu que ela não estava lá.

A sra. Weston esperou pacientemente por dois minutos, depois impacientemente por mais dois, e por fim quebrou o silêncio.

– George!

– Hum?

– George, estou falando com você! *Quer fazer o favor* de abaixar esse jornal e olhar pra mim?

Farfalhando, o jornal caiu ao chão e Weston virou-se para a mulher com um ar aborrecido:

– O que foi, querida?

– Você sabe o que é, George. É Gloria e aquela máquina horrível.

– Que máquina horrível?

– Não finja que não sabe do que eu estou falando. É aquele robô que Gloria chama de Robbie. Ele não a deixa nem por um segundo.

– Bem, e por que ele deveria? Ele não deve deixá-la. E ele com certeza não é uma máquina horrível. É o melhor robô que o dinheiro pode comprar e tenho certeza absoluta de que ele me custou a renda de seis meses. Mas ele vale a pena, é muito mais esperto que metade do pessoal do meu escritório.

Ele fez um movimento para pegar o jornal de volta, mas sua mulher foi mais rápida e o pegou com violência.

– Ouça o que *eu* digo, George. Não vou confiar a minha filha a uma máquina, e não me importa quão esperta ela seja. Ela não tem alma e ninguém sabe o que pode estar pensando. Crianças simplesmente não foram feitas para serem protegidas por uma coisa de metal.

Weston franziu as sobrancelhas.

- Quando você decidiu isso? Ele está com Gloria há dois anos e eu não vi você se preocupar até agora.

- Era diferente no começo. Era novidade, diminuiu a quantidade de trabalho que eu tinha e... estava na moda. Mas agora não sei. Os vizinhos...

- Bom, o que os vizinhos têm a ver com isso? Veja bem. Um robô é infinitamente mais confiável que uma babá humana. Na verdade, Robbie foi construído com uma única finalidade: ser o companheiro de uma criancinha. Toda a sua "mentalidade" foi construída com esse propósito. Para ele, é impossível não ser fiel, dedicado e gentil. Ele é uma máquina, uma máquina *construída* assim. É mais do que se pode dizer dos humanos.

- Mas algo pode dar errado. Algo... algo... - a sra. Weston falou de modo um tanto nebuloso sobre o interior de um robô. - Algum pequeno dispositivo pode se soltar e aquela coisa horrível pode ficar possuída e... e... - ela não conseguia completar um pensamento bastante óbvio.

- Bobagem - negou Weston com um tremor nervoso involuntário. - Isso é absolutamente ridículo. Na época em que compramos Robbie, tivemos uma longa conversa sobre a Primeira Lei da Robótica. Você *sabe* que, para um robô, é impossível ferir um ser humano; que muito antes que algo possa dar errado a ponto de alterar a Primeira Lei, um robô ficaria completamente inoperante. É uma impossibilidade matemática. Além disso, um engenheiro da U.S. Robots vem aqui duas vezes por ano para fazer uma revisão completa na coitada da engenhoca. A chance de qualquer coisa que seja dar errado com Robbie não é maior do que a chance de você ou eu de repente ficarmos loucos. É consideravelmente menor, na verdade. Além disso, como você vai afastá-lo de Gloria?

Ele fez outra tentativa de pegar o jornal e sua mulher o jogou no outro cômodo com raiva.

- Mas é isso, George. Ela não brinca com mais ninguém. Há dezenas de garotinhos e garotinhas com quem ela deveria fazer amizade, mas ela não faz. Ela não chega *perto* deles a não ser que eu a force a fazê-lo. Isso não é jeito de uma menininha crescer. Você quer que ela seja normal, não quer? Você quer que ela seja capaz de participar da sociedade?

- Você está assustada a troco de nada, Grace. Finja que Robbie é um cachorro. Já vi centenas de crianças preferirem a companhia do cachorro à do pai.

- Um cachorro é diferente, George. *Precisamos* nos livrar daquela coisa horrível. Você pode vendê-lo de volta para a empresa. Eu perguntei, você pode.

- Você *perguntou*? Veja bem, Grace, não vamos beirar ao extremismo. Continuamos com o robô até Gloria ficar mais velha e eu não quero que esse assunto seja mencionado de novo.

Com essas palavras, ele saiu da sala com raiva.

A sra. Weston encontrou o marido à porta duas noites depois.

- Você precisa ouvir isso, George. Há um mau pressentimento na vizinhança.

- Sobre o quê? - perguntou Weston. Ele entrou no lavatório e sufocou qualquer resposta possível com o esguicho da água.

A sra. Weston esperou.

- Sobre Robbie - respondeu ela.

Weston saiu do lavatório com a toalha na mão, o rosto vermelho e bravo.

- Do que você está falando? - Ah, é algo que está ganhando cada vez mais força. Tentei fechar os olhos à questão, mas não vou fazer mais isso. A maioria dos moradores considera Robbie perigoso. As crianças estão proibidas de chegar perto da nossa casa à noite.

- Nós confiamos a *nossa* filha a essa coisa.

- Bem, as pessoas não são racionais quanto a essas coisas.
- Então elas que vão para o inferno.
- Dizer isso não resolve o problema. Eu preciso fazer as minhas compras aqui nesta cidadezinha. Tenho que encontrá-los todos os dias. E é pior ainda nas cidades grandes hoje em dia, no que se refere a robôs. Nova York aprovou um decreto proibindo a presença de quaisquer robôs entre o pôr do sol e o amanhecer.
- Tudo bem, mas eles não podem nos impedir de ter um robô dentro de casa. Grace, esta é uma de suas campanhas contra o robô. Eu a reconheço. Mas é inútil. A resposta ainda é não! Vamos continuar com Robbie!

* * *

E, no entanto, ele amava a mulher. E o que era pior, sua mulher sabia. George Weston era, afinal de contas, apenas um homem, coitado; e sua mulher se valia de todo e qualquer artifício que um sexo mais inábil e mais escrupuloso aprendeu, com razão e inutilidade, a temer.

Dez vezes ao longo da semana seguinte ele gritou “Robbie fica, e esta é a minha última palavra”, e o grito era cada vez mais fraco e acompanhado por um gemido mais alto e mais agonizante.

Chegou por fim o dia em que Weston se aproximou da filha de modo culposo e sugeriu que fossem a um “lindo” show visivox na cidade.

Gloria bateu palmas, alegre:

- Robbie pode ir?
- Não, querida - disse ele, e recuou diante do som da própria voz -, não vão permitir um robô no visivox; mas você pode contar tudo a ele quando voltar. - Ele tropeçou sobre as últimas palavras e desviou o olhar.

Gloria voltou da cidade transbordando de entusiasmo, pois o visivox tinha sido de fato um espetáculo lindo.

Ela esperou o pai colocar o carro a jato na garagem em desnível.

– Espere só até eu contar a Robbie, papai. Ele teria adorado o show. Principalmente quando Francis Fran, que estava se afastando tããõ quietinho, acabou encostando em um dos Homens-Leopardo e teve que correr. – Gloria riu de novo. – Papai, existem de verdade Homens-Leopardo na Lua?

– É provável que não – disse Weston, distraído. – É só um faz de conta divertido. – Ele não demoraria muito mais tempo com o carro. Iria ter de encarar a situação.

Gloria correu pelo gramado.

– Robbie! Robbie!

Então ela parou de repente ao avistar um lindo collie que olhava para ela com sérios olhos castanhos enquanto abanava o rabo contra uma coluna da varanda.

– Ah, que cachorro lindo!

Gloria subiu os degraus, aproximou-se com cautela e o acariciou.

– É para mim, papai?

A mãe tinha se juntado a eles.

– É sim, Gloria. Não é lindo, macio e peludo? Ele é muito dócil e gosta de garotinhas.

– Ele sabe brincar?

– É claro. Ele sabe fazer inúmeros truques. Você gostaria de ver alguns deles?

– Agora mesmo. Quero que Robbie veja também. – *Robbie!* – Ela parou, indecisa, e franziu as sobrancelhas. – Aposto que ele continua no quarto dele porque está bravo comigo por não levá-lo ao visivox. O senhor vai ter que explicar pra ele, papai. Ele pode não acreditar em mim, mas ele sabe que se o senhor diz, é porque é verdade.

Weston apertou mais os lábios. Ele olhou para a mulher, mas não conseguiu chamar sua atenção.

Gloria se virou precipitadamente e desceu os degraus do porão, gritando enquanto descia:

– Robbie, venha ver o que o papai e a mamãe trouxeram pra mim. Eles me trouxeram um cachorro, Robbie.

Em um minuto tinha voltado com um olhar de menininha assustada.

– Mamãe, Robbie não está no quarto. Onde ele está?

Não houve resposta; George Weston tossiu e demonstrou, de repente, um interesse excessivo em uma nuvem que vagava a esmo.

– Onde está Robbie, mamãe? – perguntou Gloria com voz trêmula, a ponto de chorar.

A sra. Weston se sentou e puxou a filha delicadamente para perto de si.

– Não fique triste, Gloria. Acho que Robbie foi embora.

– Foi *embora*? Para onde? Para onde ele foi embora, mamãe?

– Ninguém sabe, querida. Ele simplesmente foi embora. Procuramos, e procuramos, e procuramos por ele, mas não conseguimos encontrá-lo.

– Quer dizer que ele nunca mais vai voltar? – Seus olhos estavam arregalados de terror.

– Pode ser que o encontremos logo. Continuaremos procurando por ele. E enquanto isso você pode brincar com o seu novo cachorrinho lindo. Olhe para ele! O nome dele é Relâmpago e ele pode...

Mas os olhos de Gloria estavam marejados.

– Eu não quero esse cachorro nojento; quero Robbie. Quero que encontre Robbie pra mim.

Seus sentimentos tornaram-se profundos demais para serem expressos por palavras e, balbuciando, ela soltou um gemido agudo.

A sra. Weston olhou para o marido em busca de ajuda, mas ele apenas arrastava os pés de forma taciturna e não desviava o olhar ansioso do céu; então ela se concentrou na tarefa de consolar a filha.

– Por que você está chorando, Gloria? Robbie era só uma máquina, só uma máquina velha e asquerosa. Ele sequer estava vivo!

– Ele *não* era uma máquina! – gritou Gloria de maneira furiosa e antigramatical. – Era uma *pessoa* como eu e você e era meu *amigo*. Eu quero Robbie de volta. Oh, mamãe, eu quero Robbie de volta.

A mãe suspirou, derrotada, e deixou Gloria entregue à tristeza.

– Deixe-a chorar – disse ao marido. – A tristeza de uma criança nunca é duradoura. Em poucos dias, ela vai esquecer que aquele robô horrível algum dia existiu.

Mas o tempo mostrou que a sra. Weston fora um pouco otimista demais. Era certo que Gloria tinha parado de chorar, mas parou de sorrir também e, com o passar dos dias, ficou mais quieta e sombria. Aos poucos, sua atitude de infelicidade passiva foi desgastando a sra. Weston, e a única coisa que impedia a mãe de se render era a impossibilidade de admitir a derrota para o marido.

Então, uma noite, a sra. Weston entrou na sala, sentou-se e cruzou os braços, furiosa.

O marido esticou o pescoço a fim de olhar para ela por cima do jornal.

– O que é agora, Grace?

– É aquela criança, George. Tive que devolver o cachorro hoje. Gloria não suportava vê-lo de modo algum, ela disse. Ela vai me levar a um colapso nervoso.

Weston abaixou o jornal e seus olhos começaram a brilhar de esperança.

– Talvez... talvez devemos buscar Robbie de volta. Isso seria possível, sabe. Posso entrar em contato com...

– Não! – replicou ela de maneira veemente. – Não quero nem ouvir falar disso. Não vamos desistir assim tão fácil. Minha filha não será criada por um robô, nem que leve anos para fazê-la se desacostumar dele.

Weston pegou o jornal de novo com um ar desapontado.

– Um ano passando por isso vai me deixar grisalho antes da hora.

– Você está ajudando muito, George – foi a fria resposta. – O que Gloria precisa é de uma mudança de ambiente. É claro que ela não consegue esquecer Robbie aqui. Como ela poderia, quando cada árvore, cada rocha a fazem lembrar dele? É de fato a situação *mais absurda* de que já ouvi falar. Imagine uma criança definhando pela perda de um robô.

– Bem, atenha-se ao assunto. Qual é a mudança de ambiente que você está planejando?

– Vamos levá-la a Nova York.

– Uma cidade grande! Em agosto! Você sabe como é Nova York em agosto? É insuportável.

– Milhões de pessoas suportam.

– Elas não têm um lugar como este para onde ir. Se não tivessem que ficar em Nova York, não ficariam.

– Bem, *nós* temos que fazer isso. Eu digo que devemos partir agora, ou tão logo consigamos fazer os preparativos. Em uma cidade grande, Gloria encontrará interesses e amigos suficientes para animá-la e fazê-la se esquecer daquela máquina.

– Meu Deus – lamentou-se a cara-metade mais frágil –, aquelas calçadas escaldantes!

– Nós precisamos fazer isso – foi a inalterada resposta. – Gloria perdeu uns dois quilos este último mês, e a saúde da minha garotinha é mais importante para mim do que o seu conforto.

– É uma pena que você não tenha pensado na saúde da sua garotinha antes de privá-la do robô de estimação dela – murmurou

ele, mas para si mesmo.

Gloria mostrou sinais imediatos de melhora quando lhe contaram sobre a iminente viagem à cidade grande. Ela falava pouco sobre isso, mas, quando falava, era sempre com entusiasmo. Outra vez ela voltou a sorrir e a comer com um pouco de seu antigo apetite.

A sra. Weston congratulou-se com alegria e não perdeu nenhuma oportunidade de se gabar do seu triunfo perante o marido ainda incrédulo.

– Está vendo, George, ela ajuda a fazer as malas como um anjinho e tagarela como se não tivesse nenhuma preocupação na vida. É como eu lhe disse: tudo o que precisamos fazer é substituir os interesses.

– Humpf – foi a incrédula resposta –, espero que sim.

Os arranjos iniciais se deram rapidamente. Providências foram tomadas para que a casa deles na cidade fosse preparada, e um casal foi contratado para cuidar da casa no interior. Quando chegou enfim o dia da viagem, Gloria tinha voltado a ser a mesma de antes, e não houve nenhuma menção a Robbie.

De muito bom humor, a família pegou um giro-táxi rumo ao aeroporto (Weston teria preferido usar seu giro particular, mas o veículo tinha apenas dois lugares e não havia espaço para bagagem) e entrou no avião, que estava à espera.

– Venha, Gloria – gritou a sra. Weston. – Guardei um lugar perto da janela, para você ver a paisagem.

Gloria desceu alegremente pelo corredor, grudou o nariz no vidro espesso e claro e observou com atenção crescente à medida que o ronco repentino do motor ressoava no interior da aeronave. Ela era jovem demais para ficar com medo quando o chão foi se afastando como se o tivessem deixado cair por um alçapão e ela

própria ficasse de repente com o dobro do seu peso normal, mas não jovem demais para ficar muitíssimo interessada. Foi somente quando o chão se tornou uma minúscula colcha de retalhos que ela tirou o nariz do vidro e olhou para a mãe de novo.

– Vamos chegar logo na cidade, mamãe? – perguntou ela, esfregando o nariz gelado e observando com interesse conforme a marca de umidade que a sua respiração tinha formado na vidraça se encolhia aos poucos e desaparecia.

– Mais ou menos em meia hora, querida. – E então, com o mínimo traço de ansiedade, perguntou à filha: – Você não está feliz de estarmos indo? Não acha que será muito feliz na cidade, com todos aqueles edifícios, e pessoas, e coisas para ver? Iremos ao visivox todos os dias, e veremos shows, e iremos ao circo e à praia e...

– Sim, mamãe – foi a resposta sem entusiasmo de Gloria.

O avião tinha passado por cima de um grupo de nuvens naquele momento, e Gloria sentiu-se atraída de imediato pelo costumeiro espetáculo de ver as nuvens lá embaixo. Depois eles estavam voando em um céu limpo outra vez, e ela se virou para a mãe com um repentino e misterioso ar de um entendimento secreto.

– *Eu sei por que estamos indo para a cidade, mamãe.*

– Sabe? – A sra. Weston estava perplexa. – Por quê, querida?

– A senhora não me contou porque queria que fosse uma surpresa, mas *eu sei*. – Por um instante, ela ficou admirando a própria perspicácia aguçada, e depois riu com alegria. – Estamos indo a Nova York pra encontrar Robbie, não é? Com detetives.

A declaração surpreendeu George Weston tomando um gole de água, e com resultados desastrosos. Houve um arquejo sufocado, um gêiser e depois um acesso de tosse engasgada. Quando tudo terminou, ele estava vermelho, ensopado e muito, muito irritado.

A sra. Weston manteve o autocontrole, mas quando Gloria repetiu a pergunta em um tom de voz mais ansioso, ela descobriu

que seu bom humor estava acabando.

- Talvez - replicou ela, com acidez. - Agora sente-se e fique quieta, pelo amor de Deus.

Mais do que em nenhum outro momento da história, a cidade de Nova York era, em 1998 d.C., um paraíso para o turista. Os pais de Gloria perceberam isso e tiraram o máximo proveito.

Por ordem direta de sua mulher, George Weston deu um jeito para que seus negócios se resolvessem por conta própria durante mais ou menos um mês, a fim de estar livre para passar mais tempo no que ele chamava de “evitar que Gloria continuasse à beira da ruína”. Como o resto das coisas que Weston fazia, isso foi feito de um modo eficiente, detalhista e prático. Antes que o mês tivesse terminado, não havia nada que pudesse ser feito que não houvesse sido feito.

Levaram-na ao topo do edifício Roosevelt, de pouco mais de 800 metros, para que ela observasse, admirada, a vista pontiaguda dos topos dos telhados que se confundiam à distância com os campos de Long Island e com as regiões planas de Nova Jersey. Eles visitaram os zoológicos onde Gloria viu, com um misto de espanto e emoção, “um leão de verdade ao vivo” (um tanto desapontada porque os tratadores davam carne crua ao animal, em vez de seres humanos, como ela esperava), e pediu insistente e decididamente para ver “a baleia”.

Os vários museus também receberam sua parcela de atenção, assim como os parques, as praias e o aquário.

Levaram-na ao Hudson em uma excursão rio acima a bordo de um navio a vapor que imitava o arcaísmo dos loucos anos 1920. Ela viajou à estratosfera em um passeio de exibição, em que o céu assumiu um tom de roxo profundo, as estrelas surgiram e a terra enevoada abaixo parecia uma enorme tigela côncava. Ela foi levada

para navegar sob as águas do Estreito de Long Island em uma embarcação subaquática com paredes de vidro, onde, em um mundo verde que se balançava, estranhos e curiosos seres marinhos olhavam para ela e se afastavam de repente, retorcendo-se.

Em um nível mais prosaico, a sra. Weston levava a filha a lojas de departamento, onde a menina podia se divertir em outro tipo de reino encantado.

Na verdade, quando o mês estava quase terminando, os Westons estavam convencidos de que haviam feito tudo o que era possível para que Gloria esquecesse, de uma vez por todas, o desaparecido Robbie – mas não tinham certeza de terem sido bem-sucedidos.

O fato era que, onde quer que fosse, Gloria continuava mostrando o mais atento e concentrado interesse em todos os robôs que estavam presentes; que não importava quão emocionante fosse o espetáculo diante dela, nem quão original aos seus olhos de menina, ela se distraía instantaneamente se, com o canto dos olhos, vislumbrasse um movimento metálico.

A sra. Weston não poupou esforços para manter Gloria longe de robôs.

E a questão por fim culminou no episódio no Museu de Ciência e Indústria, que tinha anunciado um “programa especial para crianças” no qual seriam mostradas exposições de feitiçaria tecnológica adaptadas à mente infantil. Os Westons, é claro, colocaram-no na lista de “imprescindíveis”.

Foi enquanto os Westons estavam totalmente atentos às façanhas de um poderoso eletroímã que a sra. Weston, de repente, se deu conta do fato de que Gloria não estava mais com ela. O pânico inicial deu lugar a uma decisão calma e, contando com a ajuda de três funcionários, iniciou-se uma cuidadosa busca.

Entretanto, Gloria não era de andar a esmo. Para a sua idade, ela era uma menina extraordinariamente determinada e decidida, plena dos genes maternos a esse respeito. Ela tinha visto uma placa enorme no terceiro andar que dizia: “Siga por aqui para ver o Robô Falante”. Tendo soletrado para si mesma, e tendo notado que seus pais não pareciam querer seguir na direção certa, ela fez o óbvio. Esperando por um momento oportuno de distração deles, com calma ela se distanciou e seguiu a placa.

O Robô Falante era um *tour de force*, um dispositivo nada prático que só tinha valor publicitário. A cada hora, um grupo guiado parava diante do autômato e sussurrava, de forma cautelosa, perguntas ao engenheiro responsável; aquelas que o engenheiro julgasse adequadas aos circuitos do Robô Falante eram transmitidas a ele.

Era bem chato. Pode ser legal saber que 14 ao quadrado é 196, que a temperatura no momento é de pouco mais de 22°C, que a pressão do ar é de 762 mm de mercúrio e que o peso atômico do sódio é 23, mas as pessoas não precisavam de um robô para isso. Sobretudo, não precisavam de uma massa desajeitada e completamente imóvel de fios e bobinas que se espalhava por quase 21 metros quadrados.

Poucas pessoas se davam ao trabalho de voltar uma segunda vez, mas uma adolescente de uns 15 anos estava sentada em um banco, em silêncio, esperando para entrar pela terceira vez. Ela era a única na sala quando Gloria chegou.

Gloria não olhou para a jovem. Naquele momento, outro ser humano era algo secundário para ela. Gloria guardou sua atenção para essa coisa grande com rodas. Por um instante, ela hesitou por medo. Ele não se parecia com nenhum dos robôs que ela já tinha visto.

Indecisa e com cautela, ela ergueu a voz aguda:

– Por favor, Senhor Robô, o senhor é o Robô Falante?

Ela não tinha certeza, mas lhe parecia que um robô que falava de verdade era digno de muita cortesia.

(A adolescente de uns 15 anos permitiu que um olhar de intensa concentração transpassasse seu rosto magro e simples. Ela sacou um caderninho e começou a escrever em rápidos rabiscos.)

Ouviu-se um zumbido oleoso de engrenagens e uma voz de natureza mecânica ressoou em palavras sem sotaque nem entonação: “Eu-sou-o-robô-falante”.

Gloria olhava para ele pesarosa. Ele *falava*, mas o som vinha de algum lugar lá de dentro. Não havia nenhum *rosto* com o qual conversar.

– O senhor pode me ajudar, senhor Robô? – perguntou ela.

O Robô Falante fora projetado para responder perguntas, e apenas perguntas que ele poderia responder haviam sido nele programadas. Portanto, ele estava bastante seguro de suas habilidades.

– Eu-posso-ajudá-la.

– Obrigada, senhor Robô. O senhor viu Robbie?

– Quem-é-Robbie?

– Ele é um robô, senhor Robô. – Ela ficou na ponta dos pés. – Ele é mais ou menos deste tamanho, senhor Robô, só que mais alto, e ele é muito legal. Ele tem cabeça, sabe. Quero dizer que o senhor não tem, mas ele tem, senhor Robô.

O Robô Falante tinha perdido a linha de raciocínio.

– Um-robô?

– Sim, senhor Robô. Um robô igualzinho ao senhor, mas ele não fala, é claro, e se parece com uma pessoa de verdade.

– Um-robô-como-eu?

– Sim, senhor Robô.

*image
not
available*

Naquela noite, o sr. Weston esteve fora por várias horas e, na manhã seguinte, ele abordou a mulher com um ar que soava, suspeitosamente, a uma complacência presunçosa.

– Tive uma ideia, Grace.

– Sobre o quê? – foi a melancólica e desinteressada pergunta.

– Sobre Gloria.

– Você não vai sugerir que compremos de volta aquele robô, vai?

– Não, claro que não.

– Então continue. Posso muito bem dar ouvidos a você. Nada do que *eu* fiz parece ter sido bom.

– Tudo bem. Eis o que estou pensando. O problema com Gloria é que ela pensa em Robbie como uma *pessoa* e não como uma *máquina*. É natural que ela não consiga esquecê-lo. Se nós conseguíssemos convencê-la de que Robbie não era nada além de uma confusão de aço e cobre na forma de placas, e de que fios com eletricidade eram o que lhe dava vida, por quanto tempo ela sentiria saudade? É um ataque psicológico, se é que entende meu propósito.

– Como planeja fazer isso?

– É simples. Aonde acha que eu fui ontem? Persuadi Robertson, da U.S. Robots and Mechanical Men, Inc., a providenciar um *tour* completo em suas instalações amanhã. Nós três iremos e, quando tivermos terminado, Gloria estará convencida de que um robô *não* está vivo.

A sra. Weston arregalou os olhos aos poucos e neles surgiu um brilho de algo como uma súbita admiração.

– Puxa, George, essa é uma *boa* ideia.

George Weston estufou o peito.

– Eu só tenho boas ideias – disse ele.

*image
not
available*

- Robbie não foi projetado para a engenharia ou para a construção civil. Ele não poderia ter utilidade alguma para eles. Você fez com que o colocassem aqui de propósito para que Gloria o encontrasse. Você sabe que fez isso. - Continuou a sra. Weston com a mesma linha de pensamento.

- Bem, eu fiz sim - disse Weston. - Mas, Grace, como eu iria saber que esse encontro seria tão violento? E Robbie salvou a vida dela, você tem de admitir isso. Você *não pode* mandá-lo embora de novo.

Grace Weston refletia. Ela se voltou para Gloria e Robbie e os observou de modo absorto por um momento. Gloria se agarrou ao pescoço do robô com tanta força que teria asfixiado qualquer criatura que não fosse de metal, e tagarelava coisas sem sentido em um frenesi quase histérico. Os braços de aço cromado de Robbie (capazes de dobrar uma barra de aço de 5 centímetros de diâmetro como se fosse um pretzel) envolviam a garotinha com delicadeza e ternura, e seus olhos tinham um brilho vermelho muito intenso.

- Bem - disse a sra. Weston, enfim -, acho que ele pode ficar conosco até enferrujar.

Susan Calvin encolheu os ombros.

- É claro que ele não ficou. Isso foi em 1998. Em 2002, nós tínhamos inventado o robô móvel falante, o que obviamente tornou obsoletos todos os modelos que não falavam, e que parecia ser o golpe final no que dizia respeito aos elementos não robóticos. A maioria dos governos do mundo banuiu o uso de robôs na Terra para qualquer propósito que não fosse o de pesquisa científica entre 2003 e 2007.

- Então Gloria acabou tendo que desistir de Robbie?

- Acredito que sim. Entretanto, imagino que tenha sido mais fácil para ela aos 15 anos do que aos 8. Ainda assim, foi uma atitude estúpida e desnecessária da parte da humanidade. A U.S. Robots entrou em recessão financeira, mais ou menos na época em que comecei a trabalhar lá, em

*image
not
available*

UMA DAS TRIVIALIDADES FAVORITAS de Gregory Powell era a de que não se alcançava nada com agitação; então, quando Mike Donovan desceu as escadas aos pulos em direção a ele, o cabelo ruivo emaranhado de suor, Powell franziu as sobrancelhas.

– O que há de errado? – perguntou Powell. – Quebrou uma unha?

– Ah, éééé – resmungou Donovan, de modo febril. – O que você esteve fazendo o dia todo nos subníveis? – Ele respirou fundo e disse bruscamente: – Speedy não voltou mais.

Powell arregalou os olhos por um momento e parou na escada; depois voltou a si e reiniciou os passos escada acima. Ele não falou até chegar ao último degrau. Então perguntou:

– Você o mandou ir atrás do selênio?

– Sim.

– E quanto tempo faz que ele saiu?

– Agora faz cinco horas.

Silêncio! Essa era uma situação dos diabos. Aqui estavam eles, em Mercúrio, há exatamente doze horas... e já estavam até as orelhas com os piores tipos de problema. Mercúrio era tido, há muito tempo, como o planeta azarento do Sistema Solar, mas isso era demais – mesmo para o azarento.

– Comece do começo, e vamos ver se entendemos isso direito – disse Powell.

Eles estavam na sala do rádio agora, cujo equipamento já era ligeiramente antiquado, intocado durante os dez anos anteriores à chegada deles. Mesmo dez anos, em termos de tecnologia, significavam muito. Compare Speedy com o tipo de robô que eles deviam ter em 2005. Todavia, os atuais avanços na robótica eram tremendos. Powell tocou uma superfície de metal ainda brilhante

*image
not
available*

grandes, extremamente grandes, e, embora estivessem sentados no chão, com as pernas abertas, as cabeças ainda ficavam a pouco mais de dois metros de distância do piso.

Donovan assobiou.

– Veja só o tamanho deles. O tórax deve ter cerca de 3 metros.

– É porque foram feitos com as antigas engrenagens McGuffey.

Dei uma olhada por dentro... o conjunto mais desprezível que já se viu.

– Você já os acionou?

– Não. Não havia nenhuma razão para fazê-lo. Até o diafragma está razoavelmente em ordem. Pode ser que falem.

Powell desparafusava a placa do tórax do robô mais próximo conforme falava, e inseriu a esfera de 5 centímetros que continha a minúscula faísca de energia atômica que era a vida de um robô. Foi difícil encaixá-la, mas ele conseguiu, e depois parafusou a placa de volta de modo laborioso. Os controles de rádio dos modelos mais modernos eram desconhecidos dez anos antes. Em seguida, fez o mesmo com os outros cinco robôs.

– Eles não se mexeram – comentou Donovan, inquieto.

– Não receberam ordens para se mexer – replicou Powell, lacônico. Ele voltou ao primeiro da fila e deu uma batida em seu tórax. – Você! Consegue me ouvir?

O monstro inclinou a cabeça aos poucos e fixou os olhos em Powell.

– Sim, Mestre – disse então, com uma voz áspera e chiada, como a de um fonógrafo medieval.

Powell deu um sorriso forçado e sem graça para Donovan.

– Você ouviu isso? Aquela era a época dos primeiros robôs falantes, quando parecia que o uso de autômatos na Terra seria proibido. Os fabricantes estavam lutando contra isso e incluíram um bom e saudável complexo de escravo nas malditas máquinas.

– Isso não ajudou – murmurou Donovan.

*image
not
available*

Os robôs seguiam lentamente adiante, em um ritmo que nunca variava e a passos que nunca se alongavam.

– Observe que estes túneis resplandecem de luzes e têm a temperatura normal da Terra. É provável que tenha sido assim durante os dez anos que este lugar permaneceu vazio – disse Powell.

– Como isso foi possível?

– Energia barata; a mais barata do Sistema. Energia solar, sabe, e no Lado Solar de Mercúrio a energia solar é impressionante. É por isso que a Estação foi construída em um ponto que recebe a luz do sol, e não à sombra de uma montanha. É um enorme conversor de energia. O calor é transformado em eletricidade, luz, trabalho mecânico e afins; então a energia é produzida e a Estação é resfriada em um processo simultâneo.

– Olhe – disse Donovan –, tudo isso é muito instrutivo, mas se importaria de mudar de assunto? Acontece que essa conversão de energia de que você fala é realizada sobretudo por bancos de fotocélulas, e este é um assunto delicado para mim no momento.

Powell resmungou de modo vago, e, quando Donovan quebrou o silêncio consequente, foi para mudar de assunto por completo.

– Ouça, Greg. Que diabos há de errado com Speedy, afinal? Não consigo entender.

Não é fácil encolher os ombros usando um insotraje, mas Powell tentou.

– Não sei, Mike. Você sabe que ele é perfeitamente adaptado ao ambiente mercuriano. O calor não significa nada para ele, e foi construído para operar em gravidade baixa e solo desnivelado. Ele é infalível... ou pelo menos deveria ser.

Abateu-se um momento de silêncio. Desta vez, o silêncio perdurou.

– Mestre – anunciou o robô –, chegamos.

*image
not
available*

A distância entre os homens e o robô errante estava diminuindo momentaneamente – mais por conta do esforço de Speedy do que por causa do andar vagaroso, digno de uma velharia de cinquenta anos, das montarias de Donovan e Powell.

Eles estavam perto o suficiente agora para notar que o andar de Speedy apresentava um cambaleio peculiar, um perceptível desequilíbrio para um lado e para o outro; então, quando Powell acenou de novo com a mão e colocou força máxima em seu transmissor de rádio compacto, preparando-se para dar outro grito, Speedy levantou o olhar e os viu.

Speedy parou num sobressalto e ficou assim por um momento – com apenas um leve zigue-zague vacilante, como se estivesse balançando ao sabor de uma brisa.

– Tudo bem, Speedy. Venha aqui, rapaz – gritou Powell.

Em reação, a voz robótica de Speedy soou nos fones de ouvido de Powell pela primeira vez.

– Caramba, vamos brincar. Eu pego você e você me pega; amor nenhum pode cortar a nossa faca em duas². Pois eu sou a Florzinha, a doce Florzinha³. Opa! – disse o robô. Batendo em retirada, ele acelerou na direção de onde tinha vindo com uma velocidade e uma fúria que levantou partículas de poeira queimada.

E suas últimas palavras, enquanto se afastava, foram “cresceu uma florzinha debaixo de um grande carvalho⁴”, seguidas de um curioso clique metálico que poderia ter sido o equivalente robótico de um soluço.

– Onde ele ouviu Gilbert e Sullivan? – perguntou Donovan sem muita convicção. – Digamos, Greg, que ele... ele esteja bêbado ou algo assim.

– Se você não tivesse me dito, eu nunca teria percebido – foi a áspera resposta. – Vamos voltar ao penhasco. Estou fritando.

Foi Powell quem quebrou o silêncio desesperador.

*image
not
available*

bêbado. Em uma situação de equilíbrio de potenciais, metade das vias positrônicas do seu cérebro não funciona bem. Não sou especialista em robôs, mas isso parece óbvio. É provável que ele tenha perdido o controle sobre aquelas mesmas partes do seu mecanismo voluntário as quais um humano bêbado também teria perdido controle. Óóótimo.

- Mas qual é o perigo? Se soubéssemos do que ele está fugindo...

- Você mesmo disse. Atividade vulcânica. Em algum lugar bem acima da reserva de selênio há um vazamento de gás vindo das entranhas de Mercúrio. Dióxido de enxofre, dióxido de carbono... e monóxido de carbono. Em grandes quantidades... e a esta temperatura.

Donovan engoliu em seco perceptivelmente.

- Monóxido de carbono e ferro se transformam no volátil ferro-pentacarbonila.

- E um robô - acrescentou Powell - é constituído essencialmente de ferro. - E depois acrescentou de modo sombrio: - Não há nada como a dedução. Determinamos tudo sobre o nosso problema, exceto a solução. Não podemos buscar o selênio nós mesmos. Ainda está muito longe. Não podemos enviar esses robôs-cavalos porque eles não podem ir sozinhos, e eles não podem nos levar rápido o bastante para que não fritemos. E não podemos pegar Speedy porque o imbecil acha que estamos brincando, e ele consegue correr quase cem quilômetros por hora, enquanto os nossos, pouco mais de seis.

- Se um de nós for - começou Donovan, hesitante - e voltar cozido, ainda haverá o outro.

- Sim - veio a resposta sarcástica -, seria um sacrifício muito generoso... exceto pelo fato de que, antes mesmo de chegar à reserva, a pessoa já não estaria em condições de dar ordens, e eu acho que os robôs não voltariam para o penhasco sem ordens para fazê-lo. Imagine! Estamos a uns três ou quatro quilômetros da

*image
not
available*

Sob o forte calor do sol de Mercúrio, Powell sabia que o ácido estava efervescendo como água com gás.

Speedy se virou para olhar, depois se afastou daquele ponto devagar – e devagar foi ganhando velocidade. Em quinze segundos, ele estava saltando diretamente para o lado dos dois humanos em grandes passadas irregulares.

Powell não entendeu as palavras de Speedy naquele momento, embora tivesse ouvido algo que parecia “as profissões de um amante, quando expressas na língua que se fala em Hesse⁶”.

Ele se virou.

– Vamos voltar ao penhasco, Mike. Ele saiu da rotina e vai receber novas ordens agora. Estou ficando com calor.

Eles avançaram em direção à sombra ao monótono ritmo de suas montarias, e foi só quando estavam abrigados do sol, sentindo um súbito frescor se estabelecendo ao redor, que Donovan olhou para trás.

– Greg!

Powell olhou e quase soltou um grito. Speedy estava andando devagar agora – tão devagar – e na direção errada. Ele estava se desviando... estava se desviando de volta para a sua rotina; e estava ganhando velocidade. Ele parecia terrivelmente perto, e terrivelmente inalcançável, pelos binóculos.

– Atrás dele! – gritou Donovan como um louco, e golpeou seu robô para que voltasse a andar, mas Powell o chamou de volta.

– Não vai conseguir alcançá-lo, Mike; é inútil. – Ele se remexeu nos ombros do robô e cerrou o punho, sentindo-se impotente. – Por que diabos eu entendo essas coisas cinco segundos depois de estar tudo acabado? Mike, nós desperdiçamos horas.

– Precisamos de mais ácido oxálico – declarou Donovan, imperturbável. – A concentração não foi alta o suficiente.

– Sete toneladas de ácido não teriam sido suficientes... e, mesmo que fossem, nós não temos tempo para desperdiçar

*image
not
available*

– O senhor está em perigo, Mestre – disse o robô de maneira estúpida.

Powell olhou ao seu redor em desespero. Não conseguia ver direito. Seu cérebro rodopiava de calor, seu hálito queimava quando ele respirava e o chão ao seu redor era uma névoa trêmula.

– Speedy! Estou morrendo, droga! Onde está você? Speedy, eu preciso de você – gritou ele uma última vez, desesperado.

Ele ainda estava cambaleando para trás em um cego esforço para se afastar do robô gigante que ele não queria, quando sentiu dedos de aço em seus braços e ouviu uma preocupada e pesarosa voz de timbre metálico aos ouvidos.

– Puxa vida, chefe, o que o senhor está fazendo aqui? O que eu estou fazendo aqui?... Estou tão confuso...

– Esqueça – murmurou Powell com uma voz fraca. – Leve-me para a sombra do penhasco... e depressa!

Houve uma última sensação de ser levantado do chão, de um movimento rápido e de um calor escaldante; então, ele desmaiou.

Powell acordou com Donovan inclinado sobre ele, sorrindo ansiosamente.

– Como você está, Greg?

– Bem! – foi a resposta. – Onde está Speedy?

– Bem aqui. Eu o mandei a uma das outras reservas de selênio, com ordens de pegar o mineral a qualquer custo dessa vez. Ele o trouxe de volta em 42 minutos e três segundos. Eu cronometrei. Ele ainda está pedindo desculpas por ter andado em círculos. Está com medo de chegar perto de você, com receio do que vai dizer.

– Arraste-o até aqui – mandou Powell. – Não foi culpa dele.

Ele estendeu a mão e agarrou a mão metálica de Speedy.

– Está tudo bem, Speedy. – E depois disse para Donovan: – Sabe, Mike, eu estava pensando...

*image
not
available*

- Algo construiu você, Cutie - ressaltou Powell. - Você mesmo admite que sua memória parece ter surgido plenamente desenvolvida a partir do vazio total da semana passada. Donovan e eu o montamos com as partes que enviaram para nós.

Cutie fitou seus dedos longos e flexíveis em uma atitude estranhamente humana de perplexidade.

- Parece-me que deveria haver uma explicação mais satisfatória do que essa. Pois o fato de vocês terem *me* feito parece improvável.

O terráqueo riu de repente.

- Em nome do planeta Terra, por quê?

- Chame de intuição. É disso que se trata por enquanto. Mas pretendo chegar a uma conclusão sobre o assunto. Uma sequência de raciocínios válidos só pode levar à determinação da verdade, e eu vou insistir até chegar lá.

Powell se levantou e se sentou na ponta da mesa, próximo ao robô. Ele sentia uma simpatia repentina e forte por essa estranha máquina. Não era nada parecido com os robôs comuns, que cuidavam de suas tarefas especializadas na estação com a determinação de uma via positrônica profundamente arraigada.

Ele colocou a mão sobre o ombro de aço de Cutie, e o metal era frio e duro ao toque.

- Cutie - disse ele -, vou tentar lhe explicar algo. Você é o primeiro robô que mostrou curiosidade quanto à própria existência, e acho que é, de fato, o primeiro inteligente o bastante para entender o mundo lá fora. Venha comigo.

O robô se levantou suavemente, e seus pés, que tinham uma grossa sola de borracha amortecedora, não fizeram barulho algum enquanto ele seguia Powell. O terráqueo apertou um botão e uma área quadrada na parede tremeluziu ao lado deles. O vidro grosso e claro revelou o espaço sideral, cheio de estrelas.

- Eu vi isso das janelas de observação da casa das máquinas - disse Cutie.

*image
not
available*

ombros, mastigando alface e derrubando migalhas de pão. Cutie esperava em silêncio.

Powell levantou os olhos.

– O Potencial Zeta está se elevando, mas devagar. Apesar disso, as funções do fluxo estão irregulares e eu não sei o que esperar. Ah, olá, Cutie. Pensei que estivesse supervisionando a instalação da nova barra de transmissão.

– Já está instalada – disse o robô em voz baixa –, e então eu vim ter uma conversa com vocês dois.

– Ah! – Powell parecia sentir-se desconfortável. – Bem, sente-se. Não, nessa cadeira não. Uma das pernas está bamba e você não pesa pouco.

– Tomei uma decisão – disse o robô serenamente, depois de fazer o que foi pedido.

Donovan o fitou com ar zangado e pôs de lado os restos do sanduíche.

– Se é sobre algum daqueles disparates...

O outro pediu silêncio por meio de gestos impacientes.

– Continue, Cutie. Estamos ouvindo.

– Passei os últimos dois dias em concentrada introspecção – disse Cutie – e os resultados foram muito interessantes. Comecei com a única suposição segura que senti que me era permitido fazer. Eu existo porque eu penso...

– Por Júpiter, um Descartes robótico! – resmungou Powell.

– Quem é Descartes? – perguntou Donovan. – Escute, nós temos que ficar sentados aqui ouvindo esse maníaco de metal?

– Fique quieto, Mike!

Cutie continuou, imperturbável.

– E a questão que surgiu de imediato foi: qual é a causa exata da minha existência?

Powell ficou boquiaberto.

– Você está sendo ridículo. Eu já lhe disse que nós o fizemos.

*image
not
available*

para a Terra está bem no meio da rota provável. – De mau humor, ele afastou a cadeira da mesa. – Se pudéssemos aguentar até os nossos substitutos chegarem, mas isso só vai acontecer daqui a dez dias. Mike, vá lá embaixo e fique de olho em Cutie, por favor.

– Tudo bem. Dê-me algumas daquelas amêndoas.

Ele pegou o saquinho jogado para ele e se dirigiu ao elevador.

O elevador desceu suavemente e se abriu, dando para uma passarela estreita na imensa casa das máquinas. Donovan se inclinou por sobre o corrimão e olhou para baixo. Os enormes geradores estavam em movimento e dos Tubos-L vinha o zumbido estridente que impregnava toda a estação.

Ele conseguiu distinguir o vulto grande e brilhante de Cutie em torno do Tubo-L Marciano, observando de perto conforme a equipe de robôs trabalhava em coeso uníssono.

E então Donovan ficou tenso. Os robôs, que pareciam anões perto do poderoso Tubo-L, alinharam-se diante dele, com as cabeças baixas em uma postura rígida de reverência, enquanto Cutie andava lentamente de um lado a outro da fileira. Passaram-se quinze segundos e, em seguida, com um tinido que sobressaiu ao ruído barulhento que havia ao redor, eles caíram de joelhos.

Donovan soltou um grito áspero e desceu a escada estreita correndo. Ele avançou raivosamente sobre eles, o tom de sua tez combinava com o do cabelo e os punhos cerrados agitavam-se com fúria no ar.

– Que diabos é isso, seus cabeças ocas? Vamos lá! Ocupem-se daquele Tubo-L! Se vocês não o desmontarem, limparem e o montarem de novo antes de o dia terminar, vou coagular o cérebro de cada um com corrente alternada.

Nenhum robô se mexeu!

Mesmo Cutie, na outra extremidade – o único que estava de pé – permaneceu em silêncio, com os olhos fixos nas escuras reentrâncias da imensa máquina à sua frente.

*image
not
available*

– Isto já foi longe demais. Você vai pagar por esta palhaçada.

– Por favor, não fique irritado – replicou o robô com calma. – Isso ia acabar acontecendo de qualquer forma. Vejam bem, vocês dois perderam sua função.

– Como é que é? – Powell levantou-se de uma vez, com uma postura rígida. – O que exatamente você quer dizer com isso, de que nós perdemos a nossa função?

– Até eu ser criado – respondeu Cutie –, vocês serviam ao Mestre. Esse privilégio é meu agora, e o único motivo de sua existência desapareceu. Isso não é óbvio?

– Não muito – foi a áspera réplica de Powell –, mas o que você espera que façamos agora?

Cutie não respondeu de imediato. Ele permaneceu em silêncio, como se estivesse pensando, e então estendeu um braço em torno de Powell. Com o outro ele pegou o pulso de Donovan, puxando-o para mais perto.

– Gosto de vocês dois. São criaturas inferiores, com faculdades mentais medíocres, mas eu sinto mesmo um tipo de afeição por vocês. Vocês serviram bem ao Mestre, e ele os recompensará por isso. Agora que seu período de serviço acabou, provavelmente não viverão por muito mais tempo, mas, enquanto viverem, receberão comida, roupa e abrigo, contanto que não entrem na sala de controle e na casa das máquinas.

– Ele está nos aposentando, Greg! – gritou Donovan. – Faça alguma coisa. Isso é humilhante!

– Olhe aqui, Cutie, não podemos tolerar isso. Nós somos os *chefes*. Esta estação é apenas uma criação de seres humanos como nós... seres humanos que vivem na Terra e em outros planetas. Isto é apenas uma retransmissão de energia... Você é só... ah, um louco!

Cutie chacoalhou a cabeça gravemente, e falou:

*image
not
available*

A peça se encaixou confortavelmente na cavidade existente na cabeça do robô, que estava estendido sobre a mesa. Um metal azul foi colocado sobre a cavidade e bem soldado por uma minúscula chama atômica. Olhos fotoelétricos foram colocados com cuidado, bem parafusados e cobertos com finas e transparentes camadas de um plástico duro como aço.

Faltava ao robô apenas a faísca vitalizadora de eletricidade de alta voltagem, e Powell parou quando levou a mão ao botão.

– Agora observe, Cutie. Observe com atenção.

O botão foi apertado com força e ouviu-se um estalo. Os dois terráqueos se inclinaram ansiosos sobre sua criação.

Houve um movimento vago apenas no início: uma contração do joelho. A cabeça se ergueu, os cotovelos foram usados como apoio e o modelo MC se levantou da mesa, desajeitado. Seus passos eram irregulares e, por duas vezes, rangidos malogrados foram tudo o que ele conseguiu fazer em sua tentativa de falar.

Enfim sua voz, incerta e hesitante, tomou forma.

– Eu gostaria de começar a trabalhar. Para onde devo ir?

Donovan correu para a porta.

– Descendo as escadas – disse ele. – Vão lhe dizer o que fazer.

O modelo MC se foi e os dois terráqueos ficaram sozinhos com Cutie, que continuava imóvel.

– Bem – disse Powell, sorrindo –, *agora* você acredita que nós fizemos você?

A resposta de Cutie foi breve e definitiva.

– Não – respondeu ele.

Powell ficou paralisado com o sorriso no rosto, o qual foi se desfazendo aos poucos. O queixo de Donovan caiu e assim ficou.

– Vejam bem – continuou Cutie com desenvoltura –, vocês apenas fizeram a montagem de peças que já estavam prontas. Vocês se saíram extraordinariamente bem... por instinto, eu

*image
not
available*

– Vocês não responderam ao sinal de luz, então eu entrei. – Falava em voz baixa. – Você não parece nada bem, e acho que seu tempo de existência está chegando ao fim. Ainda assim, você gostaria de ver algumas das medições registradas hoje?

De um modo vago, Powell se deu conta de que era um gesto amigável do robô, talvez para aquietar algum remorso persistente por substituir os humanos no controle da estação à força. Ele pegou as folhas que lhe foram estendidas e olhou-as sem prestar atenção.

Cutie parecia satisfeito.

– É claro que é um grande privilégio servir ao Mestre. Vocês não devem se sentir mal por eu tê-los substituído.

Powell resmungou e mudou de folha mecanicamente até que sua vista embaçada se fixou em uma fina linha vermelha que oscilava de um lado a outro do papel pautado.

Ele olhou... e olhou de novo. Segurou a folha bem firme com ambas as mãos e se pôs de pé, ainda olhando. As outras folhas de papel caíram no chão, despercebidas.

– Mike, *Mike!* – Ele chacoalhava o outro com violência. – *Ele o manteve estável!*

Donovan voltou a si.

– O quê? O-onde? – E também ele olhou para o registro diante de si com os olhos arregalados.

Cutie interrompeu.

– O que há de errado?

– Você o manteve em foco – balbuciou Powell. – Você sabia disso?

– Foco? O que é isso?

– Você manteve o raio direcionado com precisão para a estação receptora... dentro de um arco de um décimo de milésimo de milissegundo.

– Que estação receptora?

*image
not
available*

Muller estava calçando as pesadas luvas espaciais, preparando-se para seu período de trabalho ali, quando franziu a testa e perguntou, apertando as grossas sobrancelhas:

– Como vai o novo robô? É bom que esteja indo *bem*, caso contrário, raios me partam se eu deixá-lo tocar nos controles.

Powell parou antes de responder. Seus olhos fitaram o orgulhoso prussiano à sua frente, desde o cabelo bem curto na cabeça inexoravelmente teimosa até os pés rigidamente em posição de sentido... e uma sensação de pura alegria tomou conta dele.

– O robô é muito bom – disse ele, devagar. – Acho que você não vai ter que se preocupar muito com os controles.

Ele sorriu... e entrou na nave. Muller ficaria por aqui durante várias semanas...

*image
not
available*

existe um roboticista na United Robots que saiba o que é um campo positrônico ou como ele funciona. Nem eu sei. Nem você.

– Disso eu sei – concordou Donovan filosoficamente.

– Então veja em que posição nos encontramos. Se tudo funcionar... ótimo! Se algo der errado... não está ao nosso alcance e é provável que não haja nada que nós, ou qualquer outra pessoa, possamos fazer. Mas o trabalho é nosso e não de outra pessoa, então nós é que estamos em dificuldades, Mike. – Silenciosamente, ele fervilhou de raiva por um instante. E depois disse: – Tudo bem, você o fez sair?

– Sim.

– Está tudo normal agora?

– Bem, ele não tem nenhuma mania religiosa e não está correndo em círculos declamando Gilbert e Sullivan, então acho que está normal.

Donovan passou pela porta, chacoalhando a cabeça com violência.

Powell esticou o braço para pegar o pesado “Manual de Robótica” que estava a um lado de sua escrivaninha, quase afundando-a, e abriu-o com reverência. Certa vez ele pulara pela janela de uma casa em chamas vestindo apenas shorts e o “Manual”. Se estivesse em apuros, ele teria ficado sem os shorts.

O “Manual” estava diante dele quando o robô DV-5 entrou, com Donovan fechando a porta atrás de si com o pé.

– Oi, Dave. Como você se sente? – perguntou Powell em um tom sombrio.

– Bem – disse o robô. – Os senhores se importam se eu me sentar?

Ele arrastou a cadeira especialmente reforçada que era sua e sentou-se de modo suave.